

LIV

Quando Trimalcião estava no auge da sua fala, o garoto Malabarista caiu lá de cima da escada, bem em cima dele.

Os escravos começaram a gritar, bem como os convivas, não de pena, evidentemente, daquele ser vil, que tinha quebrado o pescoço, mas pela interrupção no festim, ninguém estava a fim de chorar um morto que nem conhecia.

Trimalcião emitia longos gemidos, e se apoiava sobre o braço, como se estivesse sofrendo dores agudas. Os médicos o socorreram e, sobretudo, dona Monetária, cabelos desfeitos, um vaso na mão, se proclamando a mais infeliz e miserável entre as mulheres. Quanto ao garoto que tinha caído, arrastava-se aos nossos pés, pedindo perdão pela péssima *performance*. Eu só temia que não fosse mais uma ridícula comédia preparada pelo nosso anfitrião. Já bastava aquela farsa com o cozinheiro que não tinha destripado o porco. Assim, comecei a olhar em volta da sala, para ver se não ia se abrir alguma parede com um novo truque. Nesse momento, acoitava-se um escravo que, ao socorrer Trimalcião, em vez de envolver seu braço ferido com pano púrpura, o tinha envolvido com mera lã branca.

Minhas suspeitas se confirmaram. Em vez de mandar castigar o garoto pela má atuação, Trimalcião deu ordens para que o alforriassem imediatamente para que não se dissesse que um personagem de tamanha importância tinha sido ferido por um escravo.

LV

Aplaudimos este ato de clemência magnânima, e nos alegramos falando da instabilidade das coisas humanas.

— Assim é — disse Trimalcião —, e um evento como este não merece passar sem condigno registro literário. Pediu material de escrever e, sem muito esquentar a cabeça, recitou:

O imprevisto ocorre
quando você menos espera.
Sobre nós, reina o Acaso.
Traz mais vinho, Valério.

Este epigrama levou o assunto para a discussão sobre os poetas, e todos estavam inclinados a julgar Marso da Trácia como o maior de todos.

Mas Trimalcião:

— Mestre Agamenon, me diga qual a diferença que você vê entre Cícero e Públio? Para mim, o primeiro é mais eloqüente, mas o outro, mais sincero. Quem poderia fazer um poema melhor que aquele que diz:

Luxo, luxúria, murcham os muros de
Roma.

Pavões pascem nos jardins dos palácios,
Senhores envoltos em sedas da Ásia,
Aves exóticas da Numídia e da Índia,
Íbis, lãguidas, lúbricas, peregrinas,
A infâmia fez ninho entre nós.

Mas nós nos comprazemos em pérolas e
safiras.

E as matronas buscam seu prazer adúltero,
sob o beneplácito dos maridos.

A esmeralda brilha mais que o vidro verde.
De que vale a opala, o ônix e a ametista,
se o ancestral pudor perdeu sua luz?
Para que vestir as noivas com um manto
de seda?

Melhor mostrá-las nuas para o rol dos
candidatos.

LVI

— Qual seria, segundo você, o ofício mais difícil, depois do das letras? Penso que seja o de médico e o do tesoureiro. O médico sabe o que o mísero ser humano tem dentro das entranhas, e quando a febre vem. Mesmo assim, odeio aqueles que me fazem sempre tomar poções amargas. O tesoureiro, ao ver a moeda, sabe a qualidade do metal. Há duas espécies de animais mudos que trabalham pra burro, os bois e as ovelhas.

Graças ao trabalho dos bois, temos pão para comer. Graças às ovelhas, lã para nos vestirmos gloriosamente. Mas, ó crime indigno, a gente come as ovelhinhas, esquecendo que lhes devemos nossas vestes. Abelhas considero animais divinos, pois vomitam mel, embora se diga que o recebem do próprio Júpiter. Mas também fazem picadas dolorosas, o que mostra que a dor e a docura costumam vir juntas.

E lá ia Trimalcião dando uma de filósofo, quando um jovem escravo começou a passar entre os presentes um vaso com bilhetes sorteados. Um escravo lia as sortes que iam saindo para cada um:

“Maldito Dinheiro!”, e lá vinha um pernil sobre o qual havia uma galheta de vinagre.

“Pescoco!”, e trouxeram um nó de forca.

“Absinto e Conflito!”, e lá vieram uma porção de cerejas selvagens, um gancho e uma maçã.

Por um bilhete que dizia “Peras e Pêssegos”, um conviva recebeu um chicote e uma faca. Outro, por um que dizia “Pardal e Espanta-moscas”, recebeu uvas passas e mel grego. “Roupa de Festa e Roupa de Tribunal”, um bolo e tabuinhas de escrever. “Canal e Pedal”, uma lebre e um chinelo. “Peixe e Letra”, um rato amarrado numa rã, e um feixe de acelga.

Rimos um tempão.

Foram sessenta, ao todo, os sorteios, tanto que já não lembro mais direito de todos.

LVII

Asclito, na licença da intemperança, rindo até as lágrimas, levantou as mãos para o alto, e começou a zombar daquilo tudo, para irritação do meu vizinho de mesa:

— Está rindo de quê, imbecil? Será que não são do seu agrado as delícias do meu senhor? Por acaso você é mais rico que ele e costuma ter jantares melhores? Que os deuses tutelares desta casa me projetam! Se eu estivesse mais perto de você, já teria acabado com esses teus urros. Belo pomo, que ri dos outros.³⁸ Pra mim, é um ladrão noturno, que não vale a corda em que vai ser enforcado. Vontade de lhe jogar todo esse vinho na cara, queria ver para onde vai fugir. Por Hércules!, raramente me irrito, mas na carne mole nascem os vermes. Ri, o idiota. Está rindo de quê, posso saber? Esse aí nem sabe quem foi seu pai. Se pela roupa quer nos fazer crer que é um verdadeiro cavaleiro romano, então, eu sou filho de um rei. Por que, então, vivo em servidão? Porque eu mesmo assim quis, preferindo ser cidadão romano a ser rei tributário. Agora, pretendo viver de tal forma que não seja mais joguete de ninguém. Sou um homem entre os homens, caminho de cabeça erguida, não devo um tostão a ninguém, ninguém nunca me processou, ninguém nunca me disse num tribunal “paga o que deves”. Tenho minhas terrinhas, barras de ouro no meu cofre, dou de comer a vinte bocas, fora o meu cachorro, comprei minha mulher do seu dono, para que ninguém mais botasse a mão nela, fui feito edil, espero, enfim, morrer sem levar vergonha nenhuma desta vida. Você, você é tão cheio de falcatruas, que nem tem coragem de olhar para trás! Você é dos tais que enxergam um cisco no olho dos outros e não vêem um escorpião em cima da própria cabeça! E ainda acha que nós é que somos ridículos! Eis aí Agamenon, teu senhor, esse sim, um homem

(38) Expressão proverbial. (N. T.)

idoso, mas que sabe se comportar em sociedade. Você, dentinho de leite, já sabe o be-a-bá? Penico quebrado, pedaço de couro molhado, que só ficou mais macio, mas não melhorou em nada! Você tem mais dinheiro que nós? Então, almoce duas vezes, jante duas vezes. Eu estimo mais minha boa consciência do que os tesouros. Em suma, quem já me pediu duas vezes alguma coisa que eu devia? Fui escravo quarenta anos. Mas nem sei dizer se eu era escravo ou homem livre, já que vim para esta região ainda garoto, de cabelos compridos. O templo grande ainda não existia. Fiz meus melhores esforços para contentar meu senhor, homem poderoso e carregado de dignidades, uma unha dele valia mais do que você inteiro. E bem que tinha na casa muitos inimigos que viviam pondo armadilhas na minha frente. Mas, graças aos meus espíritos protetores, consegui me manter à tona. Isso é que é ser um campeão. Nascer livre é fácil, eu quero ver se libertar por suas próprias forças. O que é que você está aí, de boca aberta, que nem um bode diante de uma estátua de Mercúrio?³⁹

LVIII

Quando ele terminou de falar, Giton, que estava sentado mais abaixo, e já segurava a gargalhada há muito tempo, estourou de rir tão escandalosamente que o adversário de Ascilto voltou contra o garoto toda a sua cólera:

— O quê? Você também ri, franguinha arrepiada?⁴⁰ Ah, é Carnaval! Mas já é fevereiro? Quando foi que teu senhor te libertou? Olha que você ainda acaba na cruz, almondega de corvo! Olha que Júpiter te castiga, a você e a esse teu senhor que não sabe manter tua boca fechada!

(39) Locução proverbial. (N. T.)

(40) "Pica cirrata", literalmente, "pega de crista" (ave). (N. T.)

Que eu não sinta mais gosto no pão!, por Hércules, se não entrássemos na casa de um ex-colega, eu ia lhe mostrar com quantos paus se faz uma canoa! Isto aqui é uma casa de respeito, o que já não se pode dizer desse pilantra do teu senhor, que não sabe botar seus escravos no devido lugar. Claro, tal senhor, tal escravo. Estou me controlando, tenho a cabeça quente por natureza. Quando eu invoco com alguma coisa, sai da minha frente, minha mãe! Está certo, te encontro aí fora em algum lugar, rato, verme da terra! Que eu vá à falência, se eu não acabar com a raça desse seu patrãozinho de merda! E não pense que você vai escapar, ah, não, nem que me implore por Júpiter! Vou esticar essa tua cabeleira um meio palmo, pelo menos, e esse teu patrãozinho vai ver o que é bom! Ou eu não me conheço, ou vocês vão perder essa vontade de zombar dos outros, nem que vocês tenham barbas de ouro como os deuses! Vou dar um jeito para que a feitiçeira Sagana fique com muita raiva de vocês, e até de quem deu o peito para você mamar! Não cheguei a aprender aritmética, análise sintática e outras metafísicas do mesmo naipe. Mas sei lidar com dinheiro, sei tirar a regra de três, no tostão, no centavo, no milhão! Quer ver, quer ver, vamos fazer uma aposta. Te concedo o primeiro lance. Teu pai perdeu todos os bens que tinha para que você pudesse terminar seus estudos, certo? Qual de nós veio de mais longe e foi mais além? Paga, que eu te digo. Qual de nós corre e não sai do lugar? Qual de nós cresce e fica menor? Te agitas, te apavoras, te atormentas, como um rato num penico.⁴¹ Vê se cala essa boca e não molesta ninguém melhor do que você, pra mim, você nem nasceu ainda. Nem imagine que me impressionam esses seus belos anéis que, com certeza, você roubou da sua amante. Pelas asas de Mercúrio!, vamos até o mercado para em prestar dinheiro. Você vai ver quanto crédito tem este meu

(41) O virtuosismo de registro dessa fala bêbada, por Petrónio, certamente, só seria depois superado por Joyce. (N. T.)

anel de ferro. Bah, grande coisa você é, sua raposa molhada! Assim lucre eu tanto nesta vida que, quando eu morra, o povo todo reze em meu nome, que hei de perseguir vocês nas barras de todos os tribunais. E que bela porcaria é esse que te ensinou tudo isso! Mufrius, nosso professor, que nós estudamos, costumava dizer:

— Fizeram os deveres? Vão direitinho para casa, nada de olhar para os lados, nada de falar mal dos mais velhos, nada de ficar contando quantas casas tem na rua. Só assim se chega a algum bom resultado.

Quanto a mim, dou graças aos deuses que me proporcionaram o preparo para, hoje, ocupar o lugar que ocupo na sociedade.

LIX

Asclito já ia começar a responder à altura ao ataque violento, quando Trimalcião, agradado pela eloquência do seu ex-camarada de escravidão, interrompeu:

— Vamos parar de brigar. Com delicadeza, se vai mais longe. E você, Hermaros, tenha pena do rapazinho, sábio. Nessas coisas, vence quem vence a si mesmo. Quando você foi castrado, cocoricó!, você era tão insensato quanto ele. Vamos todos confraternizar, enquanto não chegam os homeristas.

Entrou o coro dos homeristas, batendo as lanças nos escudos. E Trimalcião sentou em seu trono e, quando os homeristas começaram a recitar versos em grego, como é seu papel, Trimalcião, com insolência, começou a ler em voz alta um livro em latim.

Logo, fez-se silêncio.

— Sabem — disse Trimalcião — que fábula representam? Diomedes e Ganimedes eram dois irmãos. Helena, sua

irmã. Agamenon a raptou e pôs em seu lugar uma cerva para ser imolada à deusa Diana. Assim, Homero, neste poema, nos relata os combates entre os troianos e os paratínios. Agamenon foi vencedor e deu sua filha Ifigênia em casamento a Aquiles. Por causa disso, Ajax perdeu o juízo, como vai explicar agora o argumentista.

Trimalcião ainda falava, quando os homeristas deram um grande clamor, e os escravos trouxeram um bezerro cozido, numa grande bandeja, com um capacete na cabeça. A seguir, entrou Ajax, espada na mão, meio enloquecido, e começou a cortar o bezerro, espetando pedaços de carne, que distribuiu cerimoniosamente a todos os convidados maravilhados.

LX

Não deu muito tempo de admirar tão elegante *performance*. Logo, o teto começou a rachar, que toda a sala tremeu. Espantado, me levantei, não fosse algum malabarista da corda bamba cair em cima de mim. Os outros convivas olharam para cima, para ver que nova surpresa ia descer do céu. De repente, a cúpula superior se abre, e descem sobre nós coroas de ouro com vasos de alabastro, cheios de preciosos bálsamos. Recebíamos esses dons, quando olhamos para a mesa, onde tinha descido uma bandeja com bolos em forma de falos, cercados de uvas e maçãs. Levávamos as mãos àquela extravagância, quando uma nova brincadeira despertou nossa hilaridade. Mal tocávamos os bolos, um jato de perfume saltava de dentro e nos inundava com seu odor molesto. Crentes que esses falos tinham poder mágico, nos levantamos, fazendo as libações de costume, gritando: Viva Augusto, Pai da Pátria! Após este ato de veneração, passamos a mão nas maçãs e começamos a encher nossas sacolas. Eu, principalmente, apanhei uma

porção para depositar no peito do meu caro Gíton, que adorava maçãs. Nisso, entram três escravos, envoltos em túnicas brancas. Dois deles colocaram sobre a mesa a imagem dos deuses Laras, com bolas de ouro no pescoço, o terceiro, copo cheio na mão, deu a volta à mesa e pronunciou a fórmula votiva: Sejam propícios os deuses! Dizia que um desses deuses se chamava Cerdon, o outro Felicion, o terceiro, Lucron. Passou a seguir uma imagem do próprio Trimalcião que, já que todos a beijavam, não ousamos deixar de fazer o mesmo.

LXI

Todos os convivas se desejaram mutuamente a saúde do corpo e do espírito, Trimalcião olhou para Niceros e disse:

— Você costumava ser mais simpático. Por que está tão calado hoje? Por favor, se você quer me ver feliz, conta as coisas que têm te acontecido.

Deleitado com esta afabilidade do amigo, Niceros falou:

— Que nunca mais nada me dê certo, se não for verdade que estou contente de te ver tão bem. Tenho uma história engraçada para contar, embora tema que esses eruditos todos riem de mim. Seja. Vou contar minha história. Ri melhor quem ri por último.

Quando disse estas coisas

assim começou sua fábula:

— Eu ainda era escravo, e a gente morava nesse beco onde atualmente é a casa de Gavilla. Lá, os deuses querendo, me apaixonei pela mulher do Terêncio, o taberneiro. Vocês todos já ouviram falar de Melissa de Tarento, a

coisinha mais fofa que alguém jamais beijou.⁴² Mas, por Hércules!, não era atração física ou coisas de Vênus que me atraíam nela, mas é que era uma mulher de grandes qualidades. Nunca me negou o que eu pedia. Qualquer dinheirinho que eu tivesse, jogava entre os seios dela, e nunca me arrependi da minha confiança. Seu marido morreu durante uma viagem. Dei por paus e pedras para me encontrar com ela. É nessas horas amargas que os verdadeiros amigos aparecem.

LXII

Por sorte, meu senhor foi a Cápua vender uns bagulhos de bom preço.

Aproveitando o acaso, persuadi nosso hospedeiro a me acompanhar umas cinco milhas do local. Era um soldado forte como o inferno. Saímos na hora em que as galinhas cantam, a lua brilhava com uma claridade de meio-dia, e, de repente, nos encontramos no meio de uns túmulos. Meu acompanhante se pôs a rezar para o alto, eu sentei, e comecei a contar estrelas. Então, olhei para meu companheiro, ele tirava toda a roupa e a colocava ao lado do caminho. Eu, puxa!, estava com o coração na garganta,⁴³ e fiquei ali, como um cadáver.

Foi aí que meu companheiro começou a mijar em cima de suas roupas, e, de repente, se transformou em lobo. Não pensem que estou brincando, não minto, nem por todo o ouro do mundo. Mas onde é que eu estava mes-

(42) "...pulcherimum basioballum", literalmente, "o mais belo bolo de beijos". *Basioballum* é um composto inventado por Petrónio. (N. T.)

(43) "Mihi, en, anima in naso esse", literalmente, "estava com a alma no nariz", expressão popular. (N. T.)

mo? Ah, sim, transformado em lobo, começou a uivar e fugiu para as florestas. Eu nem sabia mais onde estava. Dai, dei um passo para apanhar as roupas dele. Tinham se transformado em pedras. Ninguém nunca ficou tão apavorado quanto eu. Tirei minha espada e, brandindo-a com toda a energia, espantei os fantasmas que embaraçavam meu caminho até a casa da minha querida. Quando entrei, quase soltei a alma pela boca, riachos de suor corriam pelo meu corpo todo, os olhos estavam quase mortos, quase não conseguia mais voltar a mim.

Melissa ficou espantada de me ver chegar àquela hora: — Se você tivesse chegado mais cedo, poderia ter nos ajudado. Um lobo entrou na granja e estracalhou todos os nossos carneiros, foi sangue que não acabava mais. Mas não ficou por isso, quando ele fugia, um de nossos servos acertou uma lança bem nas costas dele.

Quando ouvi isso, arregalei os olhos o mais que pude, amanhecia, e voltei correndo para a nossa casa, que nem um mercador assaltado por bandoleiros. Quando passei pelo lugar onde as roupas tinham virado pedra, nada encontrei, apenas sangue. Ao chegar em casa, o soldado, meu companheiro, jazia no leito, sangrava como um boi, e um médico tratava de uma ferida em suas costas. Entendi então que era um lobisomem, e não pude mais sentar na mesma mesa com ele. Não, nem que me matasse. Quem quisesse ter outra opinião, à vontade! Se eu estiver mentindo, que os deuses desta casa derramem toda a sua ira sobre mim!

LXIII

Todos ficamos boquiabertos de espanto. E Trimalcião falou:

— Acredito em você, tanto que meus cabelos se arrepiaram todos. Sei que Níceros não é de contar mentira. E

homem de uma só palavra, pau, pau, pedra, pedra. Agora, eu vou contar a vocês uma coisa horrível. Um asno no teto. Quando eu ainda era cabeludo, quando eu era rapaz, e que rapaz sacana eu era!, Iphis, meu caso, morreu, e, por Hércules!, que gatinho gostoso, uma pérola de pessoa, uma perfeita delícia. Enquanto sua pobre mãe o pranteava, e nós junto com ela, de repente, ouvimos as vozes das bruxas, parecia um cão de caça perseguindo uma lebre. Tínhamos conosco um homem da Capadócia, alto, um valentão a toda prova, e que teria enfrentado o próprio Júpiter com a toda e tudo. O tipo puxou a espada, entolou o manto no braço esquerdo e saiu lá fora, chegou numa das feiteiras e enfiou-lhe a espada bem aqui (os deuses protejam esta parte do meu corpo!). Ouvimos o gemido. Mas, não estou mentindo, não conseguimos ver as feiteiras. Voltando para dentro, nosso valentão se aitou na cama, o corpo todo lívido, como se tivesse sido açoitado, é que ele tinha sido atingido por uma "mão ruim". Nós, portas fechadas, voltamos a velar nosso defunto, mas, quando a mãe abraçou o corpo de seu filho, não era mais que um boneco de couro o corpo de seu filho, não era mais que um boneco de palha, sem coração, nem entranhas, sem nada dentro. As bruxas tinham roubado o corpo do garoto e deixado em seu lugar aquele espantalho. Por favor, rogo, acreditem em mim, existem essas mulheres maléficas, seres noturnos, que botam tudo de ponta-cabeça. Quanto ao nosso valentão da Capadócia, não recuperou mais a cor. Dali a dias, enlouqueceu e morreu.

LXIV

Nós nos entrecolhamos, acreditando naquilo tudo, beijamos a mesa, e conjuramos as bruxas a ficarem em casa, sem nos atacar quando voltássemos do festim. De tão bêbado que eu estava, eu já via as luzes da festa se multipli-

cando em mil, e todo o aspecto da sala se transformar, quando Trimalcião disse a Plócrimo:

— E você, caro Plócrimo? Não tem nada a dizer para nos divertir? E dizer que você costumava ser a alma da festa! Você cantava tão lindo, dizia poemas tão bem. Ai, ai, não se fazem mais festas como antigamente!

— É verdade — disse Plócrimo. — Desde que fiquei doente da gota, não sou mais o mesmo. Antigamente, quando eu era garotão, eu cantava até quase ficar tuberculoso. Como eu dançava! Como eu dizia bem meus versos! Como representava bem qualquer comédia! Igual a mim, só o célebre Apelleles, lembram?

Dito isso, pôs os dedos na boca, e soltou um assobio agudíssimo, que, depois, disse ser de origem grega. Quanto a Trimalcião, depois de tentar acompanhar os flautistas, voltou-se para o garoto que era sua paixão atual, um tal de Creso, um tipinho com os olhos remelentos, os dentes amarelos, que tentava amarrar uma faixa verde numa cadela preta, muito gorda. De um pão enorme, tirava bocados que tentava fazer a pobre cadela engolir. Com isso, Trimalcião lembrou de mandar trazerem até sua presença o cão Scylax, a fera que guardava sua casa. Não demorou, trouxeram um cachorro enorme, preso por uma corrente. Um escravo lhe deu um pontapé para que se deitasse, e ele se estendeu quietinho diante da mesa. Trimalcião jogou até ele um pão branco e disse:

— Ninguém me ama mais nesta casa do que este animal.

O garoto Creso, indignado com os louvores a Scylax, depôs a cadela no chão e a instigou contra o mastim, tentando provocar uma briga. Scylax, segundo o instinto de sua raça, atrou a sala com latidos apavorantes e quase estracalhou a cadelinha de Creso, que se chamava Pérola. Mas não ficou nisso a confusão, um candelabro caiu do teto, quebrou todos os cristais que estavam embaixo e espirrou óleo fervendo em vários convivas. Trimalcião,

para não dar a impressão de que tinha se importado com o acidente, beijou Creso e mandou o garoto trepar em suas costas. Sem demora, o queridinho de Trimalcião começou a fazer de conta que este era um cavalo e a lhe dar tapas nas costas:

— Upa, upa, upa, cavallinho alazão!

Depois de um tempo, Trimalcião mandou servir vinho numa grande taça e distribuí-lo a todos os escravos, que estavam a nossos pés, com uma observação:

— Se alguém não quiser beber, despejem o vinho na cabeça dele. De dia, sou um senhor severo. Mas agora estou de bom humor.

LXV

Depois deste ato de humanidade, vieram mais delícias, que só de me lembrar, me ronca o estômago.

Em lugar de passarinhos, serviram a cada um de nós galinhas gordas e ovos de ganso amassados no pilão, que, quando comíamos, Trimalcião disse ser carne de galinha desossada. Comíamos desbragadamente, quando alguém bateu na porta, um alto magistrado, e entrou, acompanhado de um grande séquito. Assustado com a pompa que cercava o personagem, pensei que era o próprio pretor que chegava. Assim, fiz menção de me levantar e botar os pés descalços no chão.

Agamenon percebeu e riu desta minha trepidação:

— Não se mexa, seu grande imbecil. É apenas o vereador Habinnas, marmoreiro, muito hábil em esculpir lápidas tumulares.

Serenado com a explicação, voltei a me recostar, admirado com a solenidade da entrada de Habinnas, que já meio de cara cheia, apoiava-se com uma mão no ombro da sua esposa. De seus cabelos, ornados com muitas corças

de flores, escorriam riachos de ungüentos perfumados. Sentou-se no lugar de honra e pediu mais vinho e água quente. Trimalcião pareceu gostar da descontração da figura, pediu vinho numa taça maior e perguntou a Habinnas como tinha sido a festa donde acabava de sair.

— Não faltou nada, a não ser você. Meu coração estava aqui. E, por Hércules!, a festa estava de arromba. Scissa celebrava com pompa a alforria de Misellus, um de seus escravos, que ele só tinha libertado no leito de morte. Além do mais, creio que seu herdeiro não vai estar nada mal, ele deixa algo como cinqüenta milhões. A festa estava esplêndida, pena que tivemos que despejar sobre seus ossos metade do nosso vinho.

LXVI

— E o que foi que serviram na festa? — quis saber Trimalcião.

— Vou contar, se puder. Você sabe, tenho tão boa memória que às vezes esqueço até meu próprio nome. Primeiro, acho, foi servido um porco, corado de chouriço, salsichas, moelas muito bem preparadas, abóbora, e pão de farelo, que eu prefiro ao pão branco, dá mais forças, e, na hora de ir cagar, não choro de dor. A seguir, entrou uma travessa com torta fria, com mel espanhol quente por cima. Quase não toquei na torta, do mel, só lambuzei os dedos. Em volta, ervilhas, tremoços, nozes, e uma maçã para cada conviva. Mas eu apanhei duas, essas aqui na minha bolsa. Se eu não levar um presente para meu escravo favorito, ele arma a maior confusão. Mas ainda bem que minha mulher, aqui, me lembrou de outra coisa.

Serviram também carne de urso que Scintilla, sem saber, provou e quase vomitou os intestinos. Eu comi além das medidas, até o javali estava macio e gostoso. Porra, se

os ursos comem gente, por que é que a gente não pode comer os ursos? Resumindo, foram oferecidos queijo mole, caracóis, fígado, ovos cozidos, tripas recheadas, mostarda, biscoitos, miúdos de boi e mariscos. Serviram também ostras, que foram disputadas aos socos entre os convivas. Mas ninguém quis comer o pernil.

LXVII

— Mas, por favor, Trimalcião, por que dona Monetária não nos concede a honra da sua presença?

— Por quê? Você a conhece, meu caro Habinnas. Ela não toma um gole de água para dormir, antes de fechar a porta das salas onde está o dinheiro ou dividir entre os escravos as sobras do banquete.

— Isso eu sei, disse Habinnas. Mas se ela não vier, eu me retiro.

E já ia se levantando, quando, dando um sinal, Trimalcião mandou, quatro vezes, que toda a escravaria fosse chamar dona Monetária. Logo ela estava vindo, envolta num manto cor de cereja, apertado por um cinto verde, que deixava ver por baixo seus chinelos bordados a ouro. Enxugou as mãos num lenço que trazia em volta do pescoço, e deitou-se no mesmo leito onde estava Scintilla, a mulher de Habinnas, beijando-a e batendo palmas de alegria:

— Que bom ver você, querida!

As coisas prosseguiram de forma que Monetária tirou dos braços os grossos braceletes para mostrá-los a Scintilla. Por último, tirou as tornozeleiras e até a rede de cabeceiros, que disse ser do ouro mais puro.

Trimalcião, que notou a cena, mandou que lhe trouxessem as jóias da mulher e disse:

— Olhem como uma mulher se enfeita! Para lhes dar tudo isso, nós, bobos, vamos à falência. Estes braceletes

devem valer uma fortuna. Eu mesmo tenho braceletes mais pesados feitos com o metal de moedas que dediquei a Mercúrio.

Por fim, para provar que não mentia, mandou vir uma balança e todos fomos obrigados a constatar a diferença de peso entre os braceletes.

Scintilla não deixou por menos. Tirou do pescoço um colar de ouro, ao qual dava o nome de Felicion, depois, dois brincos, que deu para Monetária admirar:

— Graças ao meu marido, ninguém tem coisas mais bonitas.

— O quê? — disse Habinnas. — Você me levou à ruína⁴⁴ para eu poder comprar esses feijõezinhos de vidro. Se eu tivesse uma filha, eu mandava lhe cortarem as orelhas. Se não existissem mulheres, para nós, todas essas bugangas não passavam de lixo. É que nem mijar quente e beber frio.⁴⁵

As mulheres, já meio biritadas, riem entre si, e se agarram aos beijos. Uma elogia os cuidados de dona-casa da outra. A outra, a generosidade e o carinho do marido da amiga. Enquanto estavam assim entrelaçadas, Habinnas chegou devagarinho e puxa Monetária pelos pés.

— Ai, ai — ela grita, ao ficar com os joelhos à mostra. Ajusta-se, e no seio de Scintilla esconde um rosto que o rubor fazia ainda mais indecente.

LXVIII

Passado um certo tempo, quando Trimalcião mandou servir a sobremesa, os escravos vieram e levaram em-

(44) "... excatarizasti me ..." O verbo *excatarizare* só aparece em

Petrônio. (N. T.)

(45) Locução proverbial: "hoc est caldum meiere et frigidum potare", "é jogar dinheiro fora". (N. T.)

bora todas as mesas, e trouxeram outras, espalhando no assoalho serragem colorida de amarelo e vermelho e também poeira de mármore, coisa que eu nunca tinha visto em nenhum lugar.

Aí, Trimalcião disse:

— Não estava mal o jantar. Mas está na hora da sobremesa. Se existe alguma coisa boa, que tragam!

Nisso, um escravo egípcio, que servia água quente, começou a imitar o canto do rouxinol. Mas Trimalcião gritou:

— Muda!

Eis um outro jogo.

O escravo, que estava aos pés de Habinnas, mandando, creio, por seu senhor, entoa, subitamente, com voz canora:

Eis que a frota de Enéias
seguia o caminho

Nunca antes sons tão agudos tinham agredido meus ouvidos. Enquanto subia e baixava de tom, o bárbaro ainda achava tempo de declamar versos de comédias populares. Foi a primeira vez que detestei a poesia de Virgílio. Mas, exausto do esforço, interrompeu o número. Foi quando Habinnas disse:

— E dizer que esse idiota nunca estudou! Às vezes, é verdade, mandei-o ir ver os saltimbancos, e foi com eles que aprendeu tudo o que sabe. Mas não tem igual, quando imita a voz dos carroceiros ou dos palhaços. Quando a coisa aperta, é um verdadeiro gênio. Vira sapateiro, cozinheiro, padeiro, um abençoado das Musas. Verdade que tem dois defeitos que, se não tivesse, era a maravilha das maravilhas: é circuncidado e ronca quando dorme. De que seja vesgo, não me importo muito. Ele tem o olhar de Vênus. Gosto dele exatamente por isso. Foi por esse defeito que ele me custou tão barato.

LXIX

Scintilla interrompeu o marido:

— Você não está contando tudo que esse escravo faz. Está esquecendo de dizer que é também teu amante. Mas, um dia, você me paga.

Trimalcião morria de rir.

— Reconheço — disse o escravo. — Ele está sempre pronto a qualquer prazer. Mas, por Hércules!, não há homem igual. E você, Scintilla, não seja tão ciumenta. Acredita em mim, conheço vocês, mulheres. Quero que me cortem o saco, se não foi porque eu andava comendo Mammea, a mulher do meu senhor, que ele me mandou limpar as estrebarias. Mas cala-te, boca, que eu já falei demais.⁴⁶

O patifezinho tirou do seio uma espécie de flauta e tocou durante uma meia hora acompanhado pelos assobios de Habinnas.

Por fim, o escravo veio até o meio da sala imitando, ora os músicos da orquestra, ora, com um chicote na mão, os cocheiros de carruagens, até que Habinnas o chamou, deu-lhe um beijo e lhe ofereceu uma taça de vinho:

— Você nunca esteve tão ótimo — ele disse. — Olha, te dou de presente as minhas sandálias.

Essa sessão de bobagens só foi interrompida pela chegada da sobremesa, que consistia em patês de pássaros, uvas passas, e nozes ao mel. A seguir, serviram marmelos erigados de cravos. Isso ainda era tolerável, se não tivessem trazido uma bandeja mais monstruosa, que, para comer aquilo, era melhor morrer de fome. Quando a bandeja foi depositada na mesa, quando pensávamos que era uma gansa gorda, cercada de peixes e outras aves, Trimalcião disse:

(46) Locução: "tace, lingua, dabo panem", literalmente, "cala, língua, e te darei um pão". (N. T.)

— Tudo o que vocês vêem nesse prato é feito da carne de um só animal.

Eu, que sei das coisas, logo entendi tudo. E me virei para Agamenon:

— Muito me admiro se isso não for feito de argila ou de barro. Já vi um banquete assim, durante as Saturnais.

LXX

Mal acabava de falar, quando Trimalcião se fez ouvir:

— Pelo amor que tenho a meus bens, juro que meu cozinheiro moldou tudo isso com carne de porco. Ninguém é mais genial que ele. É só querer. Da vulva de uma porca, faz um peixe. Faz pombas de toucinho. Rolas, de pernil. De miúdos de galinha, faz uma galinha. Assim, usei de todo o meu talento para lhe dar um nome bellissimo. Ele se chama Dédalo. E, para recompensar suas habilidades, dei a ele facas de aço importadas do Norte.

Imediatamente, mandou trazerem as facas, contemplo-as com admiração e, depois, mandou que as experimentássemos, passando-as em nossas bochechas, como se fossem navalhas. Súbito, entraram dois escravos, que pareciam ter brigado perto da fonte do jardim. Traziam, com efeito, duas ânforas sobre os ombros. Trimalcião quis se pronunciar sobre a diferença entre eles, mas nenhum dos dois quis se submeter à sentença, e batiam, cada um, na ânfora do outro com seu bastão. Conternados com a insolência dos dois bêbados, olhávamos com atenção sua briga, quando, quebradas as ânforas, vimos caírem ostras e mariscos de dentro delas, que outros escravos recolheram e começaram a distribuir entre nós. O engenhoso cozinheiro não deixou por menos, trazendo caracóis numa grelha de prata, cantando com uma voz horrível. Eu me envergonho de contar o que veio a seguir. De modo inaudito, escravos

com longas cabeleiras trouxeram unguento numa bacia de prata, friccionaram com ele os pés dos convivas, onde começaram a colocar coroa de flores, do calcanhar até a coxa. A seguir, despejaram o resto do unguento nas urnas de vinho e nas lâmpadas. Monetária já estava começando a dançar, Scintilla já aplaudia, bebada que nem podia mais falar, quando Trimalcião:

— Philargyro e Carrion, famosos corredores de biga, venham para a mesa. Minófilo, diga para a sua mulher sentar aqui.

Nem queiram saber. Quase fomos atirados fora de nossos leitos, quando os escravos todos começaram a ocupar os lugares da sala. Observei que o tal cozinheiro, que fazia de um porco uma marreca, ocupava um lugar mais elevado que o meu, ainda fedendo a salmoura e fritura. Não se contentou com isso, mas começou a imitar o grande ator trágico, Éfeso, e logo fez uma aposta com seu senhor. Se ele fosse cocheiro de biga da facção verde, o próximo domingo, ele chegava em primeiro lugar...

LXXI

Encantado com tamanha descontração, Trimalcião não pôde deixar de explicar:

— Amigos, os escravos são gente como nós, beberam do mesmo leite que nós, mas o destino foi ingrato com eles. Mas, enquanto vivo, quero que possam beber da água da liberdade. Saibam, em meu testamento, concedo a liberdade a todos eles. A Philargyro, deixo umas terras e sua mulher. A Carrion, uma ilha, algum dinheiro e toda uma mobília de quarto. De Monetária, faço minha herdeira universal, e a recomendo a todos os meus amigos. Digo tudo isso em público, para que todos os meus escravos me amem desde agora como se eu já estivesse morto.

Todo começaram a agradecer efusivamente a generosidade do seu senhor, quando ele, deixando de lado essas bobagens, mandou trazerem seu testamento e o leu inteiro, de ponta a ponta, sob os gemidos de toda a sua escravaria. A seguir, olhou para Habinnas, e disse:

— Que tal, querido amigo? Você vai ou não vai construir meu mausoléu tal como eu te pedi? Muito te rogo para que coloques a imagem da minha cadela aos pés da minha estátua, e as coroas de flores, os vasos de perfumes, e minhas batalhas todas, para que através do teu talento eu continue vivendo depois da morte. Que o terreno onde me enterrem tenha cem pés dando para a via pública e duzentos para os campos. Quero que, em volta das minhas cinzas, haja todo tipo de frutas, principalmente, vinhas. Nada mais imbecil que cuidar das casas em que vivemos, esquecendo aquela em que vamos ficar por muito mais tempo. Sobre tudo, quero gravada nela a seguinte inscrição.

SOBRE. ESTE. TÚMULO.

MEU. HERDEIRO. NÃO. TEM. DIREITOS.

Faço várias observações no testamento para que meus restos não sofram nenhuma ofensa. Um de meus libertos montará guarda perpétua para que nenhum passante venha cagar à sombra do meu mausoléu. Tem mais, Habinnas, quero que coloques imagens de navios, como velas cheias, e eu, sentado num trono, com cinco anéis na mão, despejando moedas de prata sobre o povo, já que no dia do meu enterro haverá um banquete e duas moedas de ouro para cada conviva. Pode colocar também salas de jantar, e uma multidão comendo a valer. À minha direita, quero a estátua da minha querida Monetária, com uma pomba numa mão e na outra uma cadela por uma corrente. Depois, meu querido Cicaron. Ânforas bem fechadas, para que não se derrame o vinho. Uma urna quebrada, onde um garoto derrama lágrimas. No meio de tudo, um relógio de sol

onde o passante, queira ou não queira, vai ter que ler o meu nome.

Quanto à inscrição tumular, veja bem se estas palavras te parecem apropriadas:

AQUI. JAZ.

C. POMPEIUS. TRIMALCIÃO. UM. MECENAS.

NOMEADO. EDIL. EM. SUA. AUSÊNCIA.

PODERIA. TER. OCUPADO. QUALQUER. CARGO.

MAS. NÃO. QUIS.

PIO. FORTE. FIEL.

DE. POBRE. ENRIQUECEU.

DEIXOU. TRINTA. MILHÕES. DE. SESTÉRCIOS.

JAMAIS. ASSISTIU. AULA. DE. FILÓSOFOS.

A. VOCÊ. SAÚDE.

LXXII

Trimalcião pronunciou essas palavras e começou a chorar a cântaros. Monetária chorava, chorava Habinnas, toda a escravaria, como num funeral, enchia a sala de lamentos e lamúrias.

Eu mesmo já estava começando a chorar, quando Trimalcião interrompeu:

— Já que sabemos que vamos morrer, por que não viver um pouco? Para cúmulo da felicidade, vamos cair num banho quente. Já experimentei a água. Não vão se arrepende. Está quente como um forno.

— Nada mal, nada mal! — exclamou Habinnas. — De um dia, fazer dois, é disso que eu gosto.

Levantou descalço, e seguiu Trimalcião todo alegre.

Eu olhei para Ascilto:

— Que é que você acha? Se eu entrar num banho agora, eu morro na hora.

— Faça como eles — ele falou. — Enquanto eles vão para o banho, a gente some no meio da multidão, e cai fora.

Negócio fechado. Levados por Gíton, chegamos até a porta. Aí, um enorme cachorro numa corrente nos soltou tamanho latido na cara, que Ascilto caiu dentro de uma piscina. Eu que, sóbrio, tinha morrido de medo de um cão pintado, bêbado, tentando salvar meu amigo, caí também na água. Acudiu-nos um dos porteiros que acalmou o cão e nos trouxe, tremendo, para o seco. Gíton, malandro, tinha achado um jeito de se dar bem com o cachorro, jogando-lhe toda a comida que tínhamos roubado para ele durante a festa. O cachorro começou a comer, e se acalmou. Morrendo de frio, pedimos ao porteiro para nos deixar voltar à sala do banquete.

— Estão muito enganados se pensam que podem sair por onde entraram. Jamais um conviva passa duas vezes pela mesma porta. Entra-se por um lado, pelo outro, só se sai.

LXXIII

Que vamos fazer? Nós, os mais infelizes dos homens, encerrados num novo tipo de labirinto, já tínhamos comecado a nos banhar, contra a vontade. Assim, pedimos ao porteiro que nos conduzisse ao banho. Tiramos nossa roupa, que Gíton pôs para secar, e entramos no banho, um lugar apertado, onde estava a piscina de água fria, e Trimalcião, nu, dentro dela. E de dentro da água continuava a nos encher o saco com seu papo-furado.⁴⁷ Dizia, por exemplo, que não havia nada melhor que poder tomar banho em paz, longe de multidões importunas. E que este lugar

(47) "putidissimam jactationem", literalmente, "bazófitas fedidíssimas". (N. T.)

tinha sido, antigamente, uma padaria. Depois, cansado, sentou-se. Desgracadamente, a sala dava um bom eco, e ele teve a infeliz idéia de cantar, e lá soltou sua voz de bêbado, estracalhando as canções que, quem ainda estava entendendo alguma coisa, diziam ser de Menecrates. Vários convivas corriam de mãos dadas em torno da sua banheira, se fazendo cócegas e gritando como uns loucos. Uns, mãos atadas, tentavam apanhar com os dentes anéis no chão. Outros, ajoelhados, viravam a cabeça para trás tentando atingir os calcanhares. Enquanto isso, descemos até o banho que se preparava para Trimalcião.

Embriaguez expulsa, fomos conduzidos à saleta vizinha, onde Monetária tinha disposto uma mesa cheia de delícias. Os lustres no teto estavam sustentados por figuras em bronze de pescadores, as mesas de prata pura, os cálices de argila com aplicações de ouro. Diante de nós, o vinho corria abundante de um odre cheio.

De repente, Trimalcião, de novo:

— Amigos, hoje é o dia solene em que um certo escravo meu vai fazer a barba pela primeira vez, e, graças aos deuses, pessoa de bem, lhe quero muito bem. Sendo assim, vamos beber como esponjas, e festejar até o amanhecer.

LXXIV

Disse isso, e um galo cantou. Confuso, Trimalcião mandou os escravos despejarem vinho sob a mesa, e respingar umas gotas nas lâmpadas. Inclusive, trocou o anel da mão esquerda para a direita:

— Não é sem motivo que esse galo emitiu um sinal. Ou estava havendo algum incêndio nas proximidades. Ou, então, alguém está morrendo. Longe de nós! Quem me trouxer esse profeta de desgraças, ganha um prêmio.

Falou, e logo lhe trouxeram um galo das redondezas, que Trimalcião mandou cozinhar.

Dédalo, o cozinheiro habilíssimo que, há pouco, de aves fizera peixes, destrinchou o galo, e o jogou numa panela de bronze, com água fervendo, enquanto dona Monetária moía pimenta num pequeno pilão. Feitas estas coisas, Trimalcião se virou para a escravidão:

— O quê? Vocês não jantaram ainda? Saiam, e dêem lugar a outros.

Veio, assim, uma nova leva de escravos, e os que saíam exclamavam:

— Viva Trimalcião!

Os que entravam:

— Salve, Trimalcião!

Aí, acabou nossa alegria.

Entre os recém-chegados, havia um garoto muito engraçadinho, e o dono da casa começou a cobri-lo de beijos. Monetária, furiosa, ofendida em seus direitos de esposa, começou a amaldiçoar Trimalcião, a pregar a vir-tude, desprezando o marido por não conter seus impulsos libidinosos. Por fim, gritou:

— Seu cachorro!

Trimalcião, por sua vez, confuso, ofendido com os insultos, atira uma taça na cara dela. Monetária, como se tivesse perdido um olho, começou a gritar, escondendo o rosto com suas mãos trêmulas. Scintilla, abalada com o incidente, abraçou-a carinhosamente. Nem demorou que um escravo solícito aplicasse em sua bochecha machucada um vaso com água gelada, sobre o qual Monetária se inclinou e começou a gemer e derramar lágrimas abundantes.

Trimalcião, porém, disse:

— Mas o que é que é isso? Essa vagabunda não lembra mais que eu a tirei da lama? Que eu a fiz um ser humano entre os seres humanos? E ainda se atreve a inchar como uma rã, e baba em seu próprio peito. É um bofe, não uma mulher. Mas, enfim, quem nasce na senzala, nunca sonha

com a casa-grande. Pelos deuses!, hei de domar essa megera! Ela esquece que, quando eu não tinha um tostão, podia muito bem me casar com mulheres que tinham dez milhões de sestércios. Você sabe, Habinnas, que não estou mentindo. Ontem ainda o perfumista Agathon me chamou num canto e me disse: "Não é bom você não deixar descendentes". Enquanto isso, aqui fico eu perdendo um tempo precioso. Está certo, quando eu morrer, você vai raspar a terra com as unhas para me encontrar. E, para meu sossego, desde hoje, meu caro Habinnas, te proibó de colocar estátua dela em meu monumento funerário, porque, depois de morto, eu quero viver em paz. E digo mais. Para que ela saiba com quem está falando, eu a proibó de me beijar quando eu estiver morto.

LXXV

Depois que Trimalcião soltou esses raios, Habinnas tentou acalmá-lo:

— Todo mundo pode cometer um erro. Somos homens, não deuses.

O mesmo fez Scintilla, implorando por seus deuses tutelares que abrandasse seus rigores.

Trimalcião não pôde mais reter as lágrimas:

— Por favor, Habinnas, por sua fortuna!, se agi mal, pode cuspir na minha cara. Beije esse garoto, não porque ele é lindo, mas por suas qualidades intelectuais. Conhece gramática. Lê fluentemente qualquer livro. Do que ganha, guardou um tanto para comprar sua liberdade. Com suas economias, comprou móveis, e duas panelas. Não é digno das minhas atenções? Mas Monetária me reprime. Aqui pra você, decrépita!⁴⁸ Rói o osso que eu te atiro, sua gra-

lha, e não me provoque demais, minha amásia, ou eu vou perder a cabeça com você! Você me conhece, o que eu determino, é que nem prego cravado na parede! Mas vamos pensar nos vivos. Por favor, amigos, vamos nos divertir. No começo, eu era escravo como vocês. Mas tive capacidade para chegar onde estou agora. É o coraçãozinho⁴⁹ que faz o homem, o resto é inquietaria. Compró bem, vendo bem. Tem gente que acha que não. Quando estou no auge da felicidade, por que é que tenho que escutar teus lamentos? Você chora por qualquer coisa. Mas, como eu estava dizendo, foi minha frugalidade que me trouxe a esta opulência. Quando cheguei da Ásia, eu não tinha o tamanho da sombra que cai desse candelabro. Para que minha barba crescesse mais depressa, passava azeite de lâmpada em volta dos beijos. Durante quatorze anos, fiz as delícias do meu senhor, e da minha senhora também, afinal, meu papel era obedecer. Vocês compreendem. Nem preciso dizer mais, não sou desses que gostam de se gabar.

LXXVI

— Depois, os deuses é que sabem!, me tornei senhor na casa. Agora, é comigo, pensei. Sabem o quê? Meu senhor me fez co-herdeiro com o imperador e, assim, recebi o patrimônio de um senador. Mas ninguém está nunca satisfeito com o que tem, me veio o desejo de entrar para o mundo dos negócios. Não vou tomar mais vosso tempo, equipei cinco navios, cheios de ânforas de vinho, na época, mercadoria que valia ouro. Enviei-os a Roma. Não deu outra, naufragaram todos. É fato, não fábula. Num só dia, Netuno me devorou trinta milhões de sestércios. Pen-

(48) *Fulciperda*, literalmente, "que não se aguenta em seus pés", composto exclusivo de Petrônio. (N. T.)

(49) *Corcillum*, diminutivo de *cor*, "coração", criação de Petrônio. (N. T.)

sam que eu desanimei? Nunca, por Hércules! Essa desgraça me deu mais ânimo, como se fosse nada.

Mandei equipar navios maiores e melhores, e com mais chances de ter sucesso. Ninguém dissesse que eu não era um homem de coragem. Vocês sabem, navios grandes resistem melhor às fúrias do mar. Carreguei a nova frota de vinho, toucinho, favas, perfumes de Cápua e escravos. Neste ponto, Monetária me provou sua dedicação de esposa. Vendeu todas as suas jóias de ouro, todas as suas roupas e me colocou na mão cem moedas de ouro, que foram o fermento do meu pecúlio. Cedo se faz o que querem os deuses. Uma viagem, e eu embolsei, redondo, dez milhões de sestércios. Logo, pude comprar todas as propriedades de sesterícios. Logo, pude comprar todas as propriedades de sesterícios. Logo, pude comprar todas as propriedades de sesterícios. Logo, pude comprar todas as propriedades de sesterícios. Logo, pude comprar todas as propriedades de sesterícios.

Houve um momento em que me vi mais rico do que toda a região em que eu morava. Larguei o comércio e comecei a viver de emprestar dinheiro a juros a novos libertos, candidados a milionário. Eu ia mesmo renunciar aos negócios, quando me dissuadiu disso um astrólogo grego, Serapa, que, por acaso, apareceu por aqui, um homem íntimo dos deuses. Serapa me contou coisas da minha vida que até eu já tinha esquecido, e contou tintim por tintim. Só faltava ele adivinhar o que é que eu tinha jantado a noite anterior. Parecia que ele tinha sempre vivido comigo.

LXXVII

— Você, Habinnas estava presente quando ele me disse:

— Construíste teu domínio a partir de migalhas. Mas não tens sorte em matéria de amigos. Todos são ingratos. Possuis latifúndios consideráveis. Mas tens uma vrbora escondida em teu seio.

Trinalção continuou:

— E não foi só isso. Me disse também que eu ainda viveria mais trinta anos, quatro meses e dois dias. E que eu estava para receber uma herança. Esse era o meu destino. Se eu puder acrescentar a Apúlia aos meus domínios, minha vida está justificada. Sob a viglância de Mercúrio, construí esta mansão. Era uma cabana. Hoje, é um templo. Tem quatro salas de jantar, vinte quartos de dormir, dois pórticos de mármore, no andar superior, um quarto onde eu durmo, o quarto dessa víbora aí, uma casinha para o porteiro e mais cem quartos de hóspedes. Em suma, quando Scauro vem por aqui, ele prefere ficar nesta casa, e vejoam que seu pai tem uma bela casa à beira-mar. Mas tem muitas outras coisas nesta casa que já vou mostrar a vocês. Podem acreditar, quem tem um centavo, um centavo vale, quem tem, vai ter mais. Assim, este amigo que vos fala era uma rã, hoje, é um rei. Stichus, me traga os vestimentos fúnebres, os ungüentos e uma ânfora daquele vinho com que quero que asperjem meus ossos.

LXXVIII

Stichus saiu como um raio e voltou trazendo um manto branco e uma toga de gala, que Trimalção nos mandou examinar para ver se era de boa lã.

Trimalcção soltou um sorriso:

— Stichus, não me deixe os ratos nem as traças botarem os dentes nestes panos, senão eu te mando queimar vivo. Quero ser enterrado glorioso, para que todo o povo diga, lá vai um grande personagem.

A seguir, abriu um frasco do mais puro nardo e nos friccionou com ele.

— Espero que, morto, goste tanto deste perfume quanto gosto agora que estou vivo.

Em seguida, mandou despejar vinho numa grande taça.

— Façam de conta que vocês foram convidados para o banquete dos meus funerais.

As coisas iam num crescendo de tédio, quando Trimalcíão, caindo de bêbado, mandou vir até a sala uma orquestra de sopros, para nos divertir. Deitou-se sobre um monte de almofadas:

— Façam de conta que eu estou morto. Digam coisas bonitas sobre mim.

A orquestra de sopros emitiu os sons fúnebres. Um dos músicos soltou um som tão agudo que alertou toda a vizinhança. Os guardas de quartelão, acreditando em algum incêndio na casa de Trimalcíão, acorreram às pressas, arrombando as portas e entrando com água e machados. Nós, aproveitando a confusão, nos despedimos de Trimalcíão, e fugimos, como se de um verdadeiro incêndio.

LXXXIX

Não tínhamos archote nenhum para nos iluminar o caminho, e o silêncio da meia-noite tornava remota a hipótese de acharmos alguém para nos dar luz. O pior, a gente estava bêbado de cair, o lugar era tortuoso, difícil de caminhar até de dia. Depois de caminhar uma hora por pedras e cascalhos, até ficar com os pés em sangue, a esperteza de Gíton veio em nosso auxílio. Não é que o bandidinho tinha feito um risco com giz por todas as pedras, enquanto vinha, e esses traços brilhavam na noite, indicando aos perdidos o caminho de volta? Não menos suores derramamos, quando chegamos em nosso albergue. A velha dona da pocilga tinha passado a noite bebendo com uns viajantes e não acordava nem com ferro em brasa. E certamente teríamos que dormir na soleira da porta, não fosse um mensageiro

de Trimalcíão, um homem rico, que possuía dez carruagens. Depois de gritar um pouco sem resultado, tocou o ombro na porta da espelunca, e passamos todos pelo rombo. Entrando no quarto, me meti na cama com meu querido Gíton. O lauto jantar que eu tinha acabado de comer tinha despertado em mim um apetite de todas as volúpias.

Que noite, deuses e deuses!

Que cama macia! Pelas bocas em beijos, mil vezes trocamos nossas almas.

Adeus, angústias da vida!

É assim que eu quero morrer.

Mas me alegrei antes do tempo. Quando desmaiei de sono, de tanto vinho, Ascilto, inventor de todas as malandragens, me roubou o garoto dos braços e o levou para sua cama. Lá fez o que quis com o garoto, e dormiu abraçado com ele, sem se importar com o fato de que usurpava um direito que era só meu. Assim, quando eu acordei, procurei em vão o corpo do meu garoto, na cama vazia. Em nome da fidelidade ultrajada, hesitei em atravessá-los, os dois, com a minha espada, numa mesma morte. Pensei, mas resolvi seguir um caminho mais prudente, e acordei Gíton com umas varadas bem dadas. E olhei Ascilto com meu olhar mais feroz:

— Já que você quebrou as leis da amizade com um ato indecente, pega tuas coisas depressa, e vai buscar um outro lugar para poluir.

Pareceu concordar, e dividimos nossas coisas irrimavelmente.

— Agora — ele disse — vamos dividir esse garoto.